

XIN RAN

# Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida

*Histórias de perdas e amores*

*Tradução*

Caroline Chang



Copyright © 2010 by The Good Women of China Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Message from an Unknown Chinese Mother

*Capa*

Rita da Costa Aguiar

*Foto de capa*

© Dean Wong/ Corbis/ LatinStock.

Seattle, Washington, Estados Unidos. ca. 1981

*Preparação*

Carlos Alberto Bárbaro

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Xinran

Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida : histórias de perdas e amores / Xinran ; tradução Caroline Chang.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Titulo original : Message from an Unknown Chinese Mother.

ISBN 978-85-359-1802-1

1. Mães - China - Biografia 2. Mães - Condições sociais - Século 20 3. Mães - China - Condições sociais - Século 21 4. Maternidade - China 5. Política familiar - China 6. Tamanho da família - China 1. Título.

10-13592

CDD-306.87430951

Índice para catálogo sistemático:

1. China : Mães : Biografia 306.87430951

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Nota da tradutora da edição inglesa, 9

Nota de contextualização, 11

Prefácio, 21

1. A primeira mãe que conheci que havia perdido sua filha, 29

2. “As mães de meninas têm o coração cheio de tristeza”, 52

3. A história da parteira, 66

4. A lavadora de pratos que tentou se matar duas vezes, 85

5. Guerrilheiros do nascimento extra: um pai em fuga, 109

6. Mary Vermelha do orfanato, 129

7. A mãe que ainda espera nos Estados Unidos, 154

8. Um conto moral dos nossos tempos, 172

9. Laços de amor: pedras e folhas, 194

10. Floco de Neve, onde está você?, 209

Posfácio, 223

Apêndice A: Mais cartas de mães adotivas, 231

Apêndice B: Leis chinesas de adoção, 236

Apêndice C: Suicídio entre mulheres, 257

Apêndice D: As dezoito maravilhas de Chengdu, 260

Agradecimentos, 267

# 1. A primeira mãe que conheci que havia perdido sua filha

*Meu nome é Waiter — não no sentido de alguém que serve uma mesa em um restaurante, mas no sentido de alguém que espera por um futuro que nunca virá.*

Ao me despedir da China e rumar para a Inglaterra no verão de 1997, viajei com a bagagem emocional de quarenta anos difíceis na China — e com todos os meus pertences materiais enfiados em uma só mala. Eu estava indo para um país do qual nada sabia e não estava levando praticamente nada para minha nova vida. Eu podia escolher a dedo apenas alguns pedaços de “lar” para levar comigo, e mesmo estes não podiam ultrapassar a franquia de 25 quilos.

Além das coisas básicas para o dia a dia, que nunca possuí em grande quantidade, eu tinha outras posses às quais era mais ligada e que havia acumulado nos vinte anos de vida adulta anteriores a minha partida: sobretudo livros, pedras e fitas cassette de música. Todas essas coisas fizeram de mim o que eu sou, tanto

como mulher quanto como mãe; e a história da “primeira mãe” tem que começar com minha própria jornada...

Meu amor pelos livros começou quando as chamas da Revolução Cultural destruíram uma infância até então feliz. Todos os dias eu era levada às lágrimas pelos valentões da escola, o que fez que um dos meus professores de língua ficasse com pena de mim e me abrigasse numa salinha dos fundos repleta de livros que ele havia salvado das fogueiras dos Guardas Vermelhos. Foi nesse cubículo (conforme descrevi em *As boas mulheres da China*), cuja janela era tapada por folhas de jornal, que comecei a ler, com o auxílio da luz que entrava por um pequeno buraco. A primeira grande obra de literatura que me ofereceria abrigo da minha infelicidade era uma tradução chinesa de *Os miseráveis*, de Victor Hugo; à medida que meus olhos percorriam a primeira página e eu lia sobre as humilhações sofridas pela pequena Cosette, mourejando naquela taverna sórdida, fiquei surpresa ao me dar conta de que havia no mundo pessoas em situação bem pior que a minha.

Naqueles dias desesperançados, as batalhas de *Os miseráveis* e as agruras e as lutas sangrentas que enchiam a vida dos personagens me devolveram uma sensação de equilíbrio. Eu não era a única criança solitária às voltas com sofrimento; eu vivia no mundo real, e nem tudo era ruim. Pelo menos eu não estava passando fome nem havia uma guerra estourando ao meu redor, como era o caso deles. Pelo menos eu tinha o que comer, e eu tinha livros.

Passei a gastar a maior parte do meu dinheiro em livros de história, biografias, livros sobre culturas do mundo e traduções de clássicos, até que os volumes encheram a minha casa. Cada título novo me dava uma sensação suprema de satisfação, bem como novos conhecimentos; e eu lia noite adentro. Quando emigrei, tive não apenas que fincar raízes em um país desconhecido e prati-

camemente “crescer” de novo. Também tive que passar pelo excruciante processo de abandonar minha adorada coleção de livros, que, a essa altura, chegava a vários milhares de volumes. Mais de 2 mil foram para o Palácio Baixia das Crianças, em Nanjing, onde comecei uma pequena biblioteca para os pais que a cada fim de semana levavam os filhos para lá a fim de terem aulas de artes e afins. Doei cerca de outros 2 mil às mulheres dos soldados voluntários de áreas pobres, muitas das quais não sabiam ler nem escrever, para que começassem uma Biblioteca para Aprendizado Aduluto. Quase 2 mil livros ilustrados, sobre a China, sobre história e sobre a vida em outros países, além de uma grande quantidade de obras infantis, foram para trabalhadoras migrantes que viviam em espaços exíguos nas periferias dos centros urbanos; seus filhos eram a primeira geração nascida na cidade e nunca haviam participado de atividades culturais. Tive esperanças de que meus livros pudesse ajudar a educar os pais do futuro.

Com isso restavam duzentos livros que eu realmente não poderia levar para minha nova casa. Depositei-os no escritório de uma boa amiga, onde eles passaram a comunicar ao mundo o quão culta ela era. Finalmente, uma dúzia de livros ou mais, dos quais eu não conseguia nem pensar em me separar, ocuparam um terço da minha pequena mala.

Meu amor por pedras, e a diligente coleção que evoluiu de um hobby para algo bem mais importante para mim, se deve a uma viagem que fiz no final da década de 1980. Eu havia viajado para um pequeno vilarejo montanhoso próximo de Yulin, na província de Shaanxi, para entrevistar uma mulher que era uma espécie de lenda local. Ela tinha um rosto profundamente vincado e mãos calejadas com dedos retorcidos, sua pele estava incrustada com décadas de poeira, e ela recendia a fumaça. De tempos em tempos, esfregava o ranho que escorria do nariz, limpando em seguida os dedos nas roupas. Ao olhar para ela, foi qua-

se impossível acreditar na sua extraordinária história. Nos anos 1950, quando era menina, seus pais voltaram dos Estados Unidos para ajudar na “reconstrução nacional”, mas foram presos como espiões quando o governo descobriu um complô orquestrado por chineses espalhados pelo mundo e pelo inimigo baseado em Taiwan, o Guomindang. Na época ela era adolescente e na noite que antecedeu à prisão dos seus pais ela foi levada por um amigo da família para um esconderijo na parte mais pobre das montanhas de Shaanxi.

No início da Revolução Cultural, foi combinado que ela se casaria com um dos homens mais pobres das redondezas — isso a protegeu, colocando-a em área “vermelha”. Ela guardara, como testemunhos da sua história, três fotografias: uma mostrava uma menina feliz, de vestido, abraçando os pais; em outra ela estava tocando piano, usando um vestido de noite branco; e a terceira era dos seus pais, vestidos em roupas ocidentais, diante de sua casa americana. A mulher que eu estava entrevistando parecia uma camponesa qualquer — não havia traço algum de sua antiga vida abastada e elegante —, embora eu pudesse perceber uma semelhança física com os pais.

“Como foi que a senhora... a senhora...?” A verdade é que eu não sabia como fazer a pergunta.

“Como foi que eu aguentei? É isso o que você está perguntando?” Ela esfregou o nariz mais uma vez e apontou, sem nenhum traço de sorriso no rosto, para um riacho que passava por uma rachadura na pedra a seus pés. Ela disse: “Pegue um seixo e quebre ao meio. Aí você vai saber!”.

Apanhei um seixo e o quebrei ao meio com o auxílio de uma pedra grande, mas não conseguia discernir, lá dentro, resposta alguma à minha pergunta.

“Por que um seixo é redondo?” Ela estava visivelmente incomodada por eu ser tão obtusa.

“Foi desgastado pelo tempo e pela água, não é isso?”, respondeu, hesitante.

“E a parte de dentro? A água chega à parte de dentro? É lá que está a mulher.” Ela me lançou este último comentário e saiu caminhando.

Então entendi: uma mulher era como um seixo desgastado e arredondado pela água e pelo tempo. Nossa aparência externa é alterada pelo destino que nos cabe na vida, mas água alguma poderia alterar o coração da mulher e seus instintos maternos.

Depois disso, caí de amores por seixos; pareciam simbolizar meu desejo de abarcar a verdadeira natureza das mulheres chinesas.

Em minhas viagens pelo mundo, não pude carregar comigo pedras pesadas. Depois de muita agonia, dei meus adorados seixos, recolhidos durante viagens como repórter, a meus amigos. Não sei se eles entenderam meus sentimentos quanto às histórias por trás de cada um, e sobre o “seixo” que eu estava me tornando à medida que ficava mais velha. Para apreciá-los, é preciso entender por que são tão valiosos. Eu não sabia o quão longe minha jornada me levaria, nem por quanto tempo. Mas eu me sentia confortada por saber que os seixos que eu havia deixado nas mãos de meus amigos não se gastariam durante toda a extensão de nossas vidas, e que nenhum desastre os destruiria. Levei comigo apenas um seixo. Era um que vinha me acompanhando havia anos, em espírito e também em minhas viagens pela China; eu o havia apanhado nas margens do rio Yangtze na ocasião em que quis o destino que eu encontrasse primeiro uma mãe e depois uma filha, cujas histórias podem ser lidas no capítulo 9 deste livro.

Os únicos itens de “capricho” que eu tinha entre meus pertences eram umas centenas de CDs e cerca de cem fitas cassette gravadas, como se fazia antigamente. Nessa época os DVDs ainda estavam se popularizando na China, e eu não podia comprá-los.

(Eu tampouco tinha muitos vcds, por uma razão que me parecia plausível, embora sem dúvida outros me julgassem ridícula: assistir a vcds era associado, na minha cabeça, com oficiais corruptos do governo que apalpavam as secretárias do escritório durante o dia, passavam as noites nos braços de acompanhantes profissionais em bares de karaokê, dormiam com as amantes nos fins de semana e então iam para casa para acusar, aos gritos, a esposa de ser entediante. Sempre que pensava em comprar vcds, eu sentia uma onda de desprezo por esses vermes bêbados. Os anos passados apresentando programas de rádio para mulheres, ouvindo acusações lacrimosas de filhos sem pai e francas confissões sobre maridos roubados por outras mulheres haviam me ensinado que uma das razões que levaram esses homens a friamente desertarem suas famílias era a irresistível atração exercida pelo karaokê. Aquele cenário onírico, aquele sorriso inesquecível, aquelas letras de música de fazer parar o coração, aquela lufada de perfume da mulher cantando em pé logo ao lado...)

Mas as fitas de música eram algo diferente, e tive sérias dificuldades de me separar delas. Estavam comigo desde o momento, no final dos anos 1980, em que a grande mídia começou a usar música popular ou música clássica ocidental para acompanhar suas transmissões até o final dos anos 1990, quando o país, mergulhando de cabeça no desenvolvimento econômico, se apaixonou pela cultura ocidental. Deng Xiaoping abriu à força a vacilante porta que durante milhares de anos isolara a China do mundo exterior, e — me parecia — a música que nos inundou alimentava a castigada alma do povo chinês. Naquela época, ninguém possuía computador, e a maior parte das pessoas não tinha televisão, tampouco telefone. A comunicação a longa distância era limitada ao monótono tom das emissões de propaganda governamental. Na China dos anos 1980, a cultura mais “moderna” era representada por músicas chinesas e peças teatrais que data-

vam dos anos 1950. Todo homem chinês e toda mulher chinesa com mais de quarenta anos têm uma música preferida que nunca deixa de comovê-los. Esses ritmos emocionantes nutriam seus surrados, reprimidos e empobrecidos espíritos, e as letras prometiam amor e afeto a carnes que ansiavam pelo fruto proibido do amor carnal.

Ao ler as cartas das minhas ouvintes, descobri que uma canção popular ou a sugestiva letra de uma música frequentemente voltavam à minha mente, e a minha reação era colocar para tocar uma música ou alguns compassos de uma melodia. Essas fitas à moda antiga se tornaram para mim o repositório do espírito daqueles tempos.

Para dar meu intrépido salto na direção de um futuro totalmente desconhecido no Ocidente, eu me blindei levando comigo apenas músicas que conhecia e adorava e sem as quais não conseguia imaginar a minha vida: um CD chinês de *Paradiesvogel* e duas fitas, de Enya Brennan e Schumann.

*Träumerei*, de Robert Schumann, era a música que abria o primeiro programa que apresentei na Rádio Nanjing, *Palavras na brisa noturna*. Nunca imaginei que as minhas palavras e as notas macias, oníricas, de Schumann atrairiam mais de uma centena de cartas todos os dias, mas sabia, à medida que a música começava a tocar, que eu seria uma apresentadora honesta e direta em um programa que eu tornaria meu.

O CD chinês de *Paradiesvogel* é uma seleção das melhores músicas executadas por James Last na flauta de Pã<sup>1</sup> e de clássicos modernos — tanto ocidentais quanto chineses. Eu gostava particularmente de “Edelweiss” e “Moscow Suburbs Night”, bem como de outras às vezes mencionadas pelas ouvintes do meu programa.

1. A flauta de Pã é um antigo instrumento musical chinês, e melodias nela executadas estão entre as músicas chinesas mais alegres.

Enya<sup>2</sup> passou a ser ouvida na China no final dos anos 1980, época em que a mídia chinesa começara a fazer transmissões ao vivo de seus principais programas. Lembro como fiquei encantada com seus sons langorosos ao ouvir sua voz, durante o rotineiro trabalho de escutar discos recém-lançados. A verdade é que seu canto não apenas me levou às lágrimas como revolveu, no meu coração, emoções indescritíveis — transitórias, oníricas, ao mesmo tempo vivazes e com o poder de me despertar. E sua gloriosa música me conduziu a uma jornada por todos os cantos do mundo, que dura até hoje.

Quando toquei Enya no meu programa pela primeira vez, escolhi “Evening Falls”, “Orinoco Flow” e “Na Laetha Geal M’Óige”, do seu álbum *Watermark*, como músicas de fundo para respostas a cartas de ouvintes, uma das quais fora enviada por uma jovem que se alcunhava “Waiter”.

Tudo isso aconteceu há muitos anos, mas permanece fresco na minha memória e me volta à mente a cada vez que ouço “Evening Falls”, de Enya.

“Querida Xinran...” Ela foi a primeira das minhas ouvintes a se dirigir a mim desse jeito — na verdade, a primeira pessoa em todos os meus quarenta anos de China. Embora eu também tivesse estudado inglês, ainda estava surpresa com seu uso desinibido dessa forma ocidentalizada de tratamento. É preciso que o leitor

2. Enya (Brennan) é uma cantora irlandesa, musicista e compositora. É a artista solo campeã de vendas na Irlanda e o segundo mais importante produto de exportação musical do país (depois do U2). Seus discos lhe valeram quatro prêmios Grammy e uma indicação ao Oscar, e ela também é conhecida por ter se apresentado em dez línguas diferentes ao longo de sua longa carreira. Enya é uma transcrição aproximada da pronúncia de Eithne no seu irlandês nativo, no dialeto de Donegal.